

HELENA COSTA ARAÚJO
HENRIQUE LUÍS GOMES DE ARAÚJO
[Coordenação]

HELENA SÁ E COSTA



FOTOBIOGRAFIA





3.

JORGE CASTRO RIBEIRO

MESTRES E FORMAÇÃO FORA DE PORTUGAL Paris e Berlim: duas oportunidades para alargar horizontes artísticos

Em abril de 1932, a poucas semanas de completar 19 anos, Helena, na companhia dos pais e da irmã, dirige-se a Paris durante alguns meses para aprofundar os seus estudos com os professores Alfred Cortot e Paul Loyonnet. Depois dessa experiência, em 1933, viaja com os pais a Viena para assistirem às comemorações do centenário do nascimento de Brahms, onde tem fantásticas oportunidades de ouvir intérpretes como Casals, Schnabel, Hindemith, Huberman e Furtwangler (Pires 1996). Regressada a Portugal em 1935, após mais estudos com Vianna da Motta, termina o curso no Conservatório Nacional, em Lisboa, com a melhor classificação possível. A família entende que Helena (sempre acompanhada por sua irmã) precisa ainda de alargar os seus horizontes artísticos. A partir de 1936 e até 1939, viaja anualmente para Berlim, na Alemanha, onde durante os meses de verão tem aulas com Edwin Fischer, Paul Grümmer e Wilhelm Kempff. Esta nova e enriquecedora experiência de Helena no estrangeiro é vivida agora apenas na companhia da irmã e de vários amigos que, entretanto, vão fazendo. Nas suas estadias anuais (entre vinte dias e quatro meses) as duas irão assistir a vários cursos e participar na intensa vida cultural alemã. Em 1938, a partir de Berlim, Helena participa, com outros músicos, na digressão de concertos do professor Edwin Fischer por várias cidades europeias, apresentando os concertos de Bach para vários instrumentos de tecla. A última viagem das irmãs à Alemanha é em abril de 1939, às portas da segunda grande guerra mundial.

1. Helena nos cursos do Palácio de Marmore, em Potsdam, julho de 1936.

PARIS, 1932

Aos 19 anos, em 1932, durante cerca de quatro meses, Helena viveu em Paris na companhia da mãe e da irmã, a violoncelista Madalena de Sá e Costa, com o objetivo de ter aulas com os conceituados pianistas Alfred Cortot e Paul Loyonnet, já conhecidos da família por causa dos concertos que haviam feito na cidade do Porto, a convite do Orpheon Portuense, instituição à qual a família Sá e Costa estava profundamente ligada. De resto, Cortot era amigo de seu avô, Bernardo Moreira de Sá, e de seu pai, Luiz Costa.



2. Edwin Fischer e Alfred Cortot.

Paul Loyonnet era um pianista de grande nomeada com uma carreira de concertos invejável e, em 1930, havia decidido radicar-se em Paris e dedicar-se mais ao ensino. Em 1917 havia tocado em Portugal por iniciativa do avô de Helena, o importante pedagogo e violinista Bernardo Moreira de Sá, e voltaria a tocar no Porto em 1933, e em 1945 para os sócios do Orpheon Portuense, nessa altura já dirigido por Luiz Costa.

Durante essa estadia em Paris, a mãe de Helena, a pianista Leonilda Moreira de Sá e Costa, enviava regularmente cartas para o marido, Luiz Costa, que estava em Portugal, com notícias sobre a vida das três na capital francesa, descrevendo assuntos do dia a dia, mas também as aulas regulares com Paul Loyonnet. Da primeira aula fez um relato interessantíssimo.

«(...) O Loyonnet gostou imenso de a ouvir. Começou pelas Variações Sérias. Quando acabou, ele, que tinha seguido com a maior atenção, disse que era "*tout à fait remarquable. J'ai rarement entendu jouer avec une telle clarté et avec une si grande harmonie entre la technique et la pensée, l'esprit. Il n'y a qu'à écouter, je n'ai rien à dire, c'est tout à fait comme je sens.*" Disse mais que ela tinha tocado com a "*vraie technique de Mendelssohn*", o *staccato*, etc.

Se a ouvisse atrás da porta, não teria nada a dizer a respeito de interpretação, mas vendo-a assim de perto, dava-lhe conselhos como se fosse um médico. Acha que ela deve poupar mais a força nervosa, e tocar com o peso do braço, como tu sempre aconselhas, e lá esteve a fazer vários exercícios a seco com o braço e a mão. Perguntou se ela era forte e recomendou atenção para a respiração, porque aquela força nervosa não a deixava respirar bem. Logo ao fim da 1.ª variação perguntou-me se ela tinha sido sempre discipula do V. da Motta. Disse-lhe que tinhas sido tu sempre o professor e que desde o ano passado é que tinha dado lições com V. da Motta.

Perguntou também quantas horas estudava, e como lhe dissesse que 3, disse que isto representava muito mais. Realmente que já tem constatado que os povos do sul fazem em 3 horas o que os do norte conseguem em 6 ou 7, e que por isto se via a grande facilidade que ela tem. – Quando lhe fazia os exercícios com a mão, disse que ela tinha uma mão "merveilleusement forte, un bon travail", e que esta técnica que ela tem já não existe hoje na Alemanha. Em Berlim toca-se hoje pelo sistema Breithaupt, com a mão mole, e assim não há técnica. Para ela, Helena, não se trata de deslazer a técnica, mas sim enriquecê-la no "sens de la largeur". Enfim, gostei imenso de ouvir os conselhos dele, que são a sequência dos teus. É muito simpático, falando com muita clareza, e disse que estava contente por voltar ao Porto, que tinha ficado com muito boas recordações, mas não da revolução, etc. Lá lhe entreguei o envelope antes de começar e ele marcou a próxima lição para a semana, sábado, 21 às 4 1/2, pedindo para levar a Op. 22 de Beethoven, e o repertório que já tem de Debussy e Ravel, para ficar com o "air du pays" colhido aqui "na source". A outra lição será na semana seguinte e para ela já vai vendo a "Appassionata", Fauré e a Tocatta, Ravel. Pelo seu "jeu" que já fazia ideia como tocaria o Gnomnreigen e mais coisas que depois escapam e é difícil de repetir».

[Carta de Leonilda Moreira de Sá e Costa para Luiz Costa, 10.05.1932]

3
 Eritimamos muito o teu postal de Barca
 e agora e amanhã já contamos ter
 notícias do Porto. Antes de mais nada
 deisea-me dizer-te que me senti fe-
 liz com a 1.ª lição de Helena. Cêta
 bamos de chegar agora mesmo e vim
 logo sentar-me a escrever-te, tanto
 mais que são 4 1/2 e é preciso apres-
 sar a correspondência. O Loyonnet
 gostou imenso de a ouvir. Come-
 çou pelas Variações sérias. Quando
 acabou, ele, que tinha seguido
 com a maior atenção, disse que
 era "tout à fait remarquable".
 J'ai rarement entendu jouer
 avec une telle clarté et avec une
 si grande harmonie entre la techni-
 que et la pensée, l'esprit. Il n'y a
 qu'à écouter, je n'ai rien à dire,
 c'est tout à fait comme je sens."

Disse mais que ela tinha tocado
 com a "vraie technique de Men-
 delsohn", o staccato etc.
 Se a tivesse abraçado ~~de~~ porta,
 não teria nada que dizer a respeito
 de interpretação, mas vendo-a assim
 de perto, dava-lhe conselhos como
 se fosse um médico. Deba que ela
 deve poupar mais a força nervosa,
 e tocar com o peso do braço, como
 tu sempre aconselhas, e lá esteve
 a fazer vários exercícios a seco
 com o braço e a mão. Perguntou
 se ela era forte e recomendou
 atenção para a respiração, porque
 aquela força nervosa não a deixava
 respirar bem. Logo ao fim da
 1.ª variação perguntou-me se ela
 tinha sido sempre discípula do
 N. da Motta. Disse-lhe que tinha
 sido tu sempre o professor e que
 desde ao passado e que tinha

3. Carta de Leonilda
 Moreira de Sá para Luiz
 Costa (fragmento). Paris,
 10 de maio de 1932.

Esta narrativa levanta vários assuntos que permitem entender o modo como é valorizado o conhecimento pianístico de Helena, como é valorizado o conhecimento de um professor francês prestigiado, como ele é portador de informações sobre as correntes técnicas pianísticas do seu tempo, como são profissionais as suas observações (de resto Leonilda compara-o a um médico), e evidentemente o conhecimento de Loyonnet sobre Portugal, a perspectiva da sua nova vinda e as relações pessoais que estabeleceu com Vianna da Motta, entre outros assuntos. Esta passagem permite-nos também inferir como a própria família de Helena se organiza e participa da sua formação. Assistindo a mãe às suas aulas, ela própria professora de piano, e transmitindo ao pai – visto como autoridade

maior – as informações que lhe permitam permanentemente avaliar o investimento educativo (e monetário – referido no «envelope») que procuraram para a filha.

Mas Helena teria outra experiência pedagógica igualmente enriquecedora durante essa mesma estadia em Paris. Alfred Cortot tinha 55 anos quando deu lições a Helena naqueles meses de 1932. O pianista estava no auge da sua carreira artística, era uma figura de grande prestígio, tanto em França como a nível internacional, e gradualmente ia aceitando alunos, entre os quais era visto como um professor de enorme exigência. As suas aulas eram dadas em cursos coletivos. Também Cortot, nas suas *tournées* internacionais, havia tocado no Porto, em 1907 e 1914, onde conhecera a família Moreira de Sá e Costa. Voltaria a ser ouvido na cidade em 1934, também a convite de Luiz Costa na direção do Orpheon Portuense.

«(...) A lição com o Cortot esta manhã correu optimamente; ouviu-lhe a Polaca com o Andante. Estava muito amável e manda-te muitos cumprimentos. Pedi-lhe o certificado e ele acedeu muito prontamente, dizendo que o Mangeot que tomasse nota do nome da Helena para ele passar o certificado em como ela "a travaillé avec moi et que je suis enchanté de son travail" ».

[Postal de Leonilda Moreira de Sá a Luiz Costa. Paris, 30.06.1932 (parte)]

Esse período de estudos entre abril e julho foi de grande intensidade pedagógica para Helena, enquanto constituiu uma nova experiência de vida e de diferença cultural. Embora pertencesse a uma família portuguesa, o seu grupo social de referência tinha muitas características, hábitos e valores cosmopolitas, com gostos semelhantes, que a nível internacional garantia um entendimento rápido e fácil entre pares. Não obstante, as sociedades portuguesa e francesa apresentavam diferenças de organização, de desenvolvimento tecnológico e na atividade cultural que tornavam a França num pólo extremamente atrativo.

Durante esses meses a disciplina de trabalho de Helena era intensa e a mãe zelava para que todos os dias houvesse intervalos no estudo para passear e conhecer a cidade. A família escolheu um hotel que dispusesse de piano para Helena poder estudar (Madalena, violoncelista, tinha outra flexibilidade, quanto a isso...) e semanalmente frequentavam as aulas dos professores Loyonnet e Cortot. Além dos passeios para conhecerem os monumentos e museus de Paris, assistiam a todos os concertos musicais que podiam, colhendo dessa experiência memórias de grande impacto estético.

«Devo começar pelo princípio, pelo Furtwangler. Um excelente programa: Abertura do Freischütz – Weber; 4.ª sinfonia – Brahms; Daphnis et Chloé – Ravel e Prelúdio e Morte d'Isolda – Wagner, e extra os "Mestres Cantores". Ficámos radiantes com a 4.ª sinfonia, que tão bem conhecemos e que foi admiravelmente tocada, como é natural, e com o resto do programa. Então o Ravel e o Weber foram duas autênticas delícias. A orquestra é colossal e Ele, Furtwangler? Só visto. Que extraordinário poder transmissor! Antes da orquestra realizar, já nós adivinhámos o que vai sair, tal a força comunicativa que ele possui. Dirigiu tudo de cor, dando a impressão de que o organismo dele não é como o dos mais, que interiormente só tem rolas de música e que lhe saem pelo cérebro, e se reflectem na orquestra, e antes ainda nos ouvintes. A mão esquerda tem expressões extraordinárias; amolda o som como um escultor amolda o gesso. Dá-me a impressão de que ele quer beber a música, depois de a ter deitado cá para fora. Enfim, só te posso dizer que me lembrei muito de ti, imaginando bem como gostarias de o ter ouvido. Foi esplêndido».

[Carta de Leonilda Moreira de Sá a Luiz Costa (fragmento). Paris, 27/04/1932]

Depois de ter regressado a Portugal, no Verão de 1935, Helena iniciou a sua preparação para o exame de piano no Conservatório Nacional de Lisboa sob a orientação de Vianna da Motta. Este desafio é vencido em 1935, com a melhor classificação possível. Mas o mestre, a família e a própria Helena entendem que ainda há aprendizagens a fazer fora de Portugal. E é nessa perspetiva que no

▶ 4

Paris - 27 de abril 1932

meu querido Luiz
 Fontanos ^{me} das notícias do hoje
 e se espalamos pelas v. canções.
 - E agora vamos a... Paris
 sero amarelo pela primeira vez. - pela primeira
 vez. Um excelente programa: Abertura do Reichstag, Weber, e Strauss. Brahms
 Op. 10 n. 1. Ravel - Prélude e Nocturne
 de Haroldo Wagner, e entre os quartos cantos
 ficamos radiantes com o 4º movimento que
 foi bem conhecido e que foi admiravelmente
 tocado, como o Schubert, e como
 o resto do programa. Entre o Ravel e o
 Weber foram duas músicas deliciosas.
 a orquestra e o cantor, e ele, Schubert
 não foi visto. Que tradição de poder
 fazer o programa! Antes da orquestra
 tocamos, e os dois cantores o que

meu querido Luiz
 ele parece. Antigo todo de cor. Deu
 impressão de que o programa dele não é
 como o dos outros, que intervém em
 notas de música que ele sempre
 escreve, e se reflete na execução,
 deita ainda nos detalhes a estes aspectos
 de um desempenho extraordinário, mesmo
 para como um estudante de música
 sei-me a impressão de que ele quer
 beber a música, depois de a ter
 ditado e para fazer. Infelizmente
 não posso dizer que me lembrei
 dele, quando bem como gostaria
 de ter ouvido. Foi esplêndido. E
 me que espero dizer pois tenho a
 certeza de saber dizer o que
 não, e não me dá a ideia

4. Carta de Leonilda
 Moreira de Sá a Luiz
 Costa (fragmento).
 Paris. 27 de abril de 1932.

ano seguinte, 1936, a jovem com 23 anos segue novamente para o estrangeiro, sempre acompanhada por sua irmã, desta vez para a Alemanha, para Berlim. O primeiro objetivo das irmãs Helena e Madalena é frequentarem os cursos de Verão do Instituto Alemão para Estrangeiros de Berlim, em que participavam vários professores, entre os quais o pianista Edwin Fischer (piano) e o violoncelista Paul Grümmer (música de câmara), e que tinham lugar em Potsdam, no Marmoris Palatz (Palácio de Mármore), no meio de belos jardins e junto ao repousante lago Heiligen See. As duas irmãs ficam na Alemanha entre maio e os princípios de agosto desse ano.

▶ 5



5. Helena e Madalena
 Sá e Costa. Palácio de
 Mármore. Potsdam,
 27 de junho de 1936
 [Foto tirada por Sílvia Leão].
 6. Certificado de
 inscrição de Helena nos
 Cursos de Verão do
 Instituto Alemão para
 Estrangeiros de Berlim,
 1936.

ANMELDUNG
 zur Aufnahme in den Kursen des DEUTSCHEN MUSIKINSTITUTS FÜR AUSLÄNDER IN BERLIN
 im Sommer 1936

Name (Vor- und Nachname): Helena Madalena Sá e Costa
 Heimatort: Porto, Rua da Paz, 245

Anschrift, an die Mitteilungen zu senden sind:
 Heimatort: Portugal
 Geburtsdatum: 25. Mai 1913

Bitte mitbringen in Mitbringsliste angeben:
 1. Pass: Kewen
 2. Pass: Kewen
 3. Pass: Kewen
 4. Pass: Kewen

Angabe der Fachrichtung (aus der Liste wählen):
 Dilem des Konservatoriums von Lissabon

Bitte anbringen:
 1. Pass: Kewen
 2. Pass: Kewen
 3. Pass: Kewen
 4. Pass: Kewen

Am 25. April 1936
 Helena Madalena Sá e Costa
 Rua da Paz, Porto

◀ 6



Paul Grümmer [1879-1965] foi um importante violoncelista alemão com carreira internacional e dedicado à música de câmara. Tocou na cidade do Porto em 1941, acompanhado por Helena Sá e Costa, e em 1942, com o seu trio. Quanto a Edwin Fischer [1886-1960], foi um pianista e maestro de nacionalidade suíça que desenvolveu uma importantíssima carreira depois da Primeira Guerra Mundial, inicialmente em Berlim e, após a Segunda Guerra, na Suíça. Entre os seus discípulos contam-se importantes pianistas do século XX, como, por exemplo, Alfred Brendel, Mario Feningner, Reine Gianoli, Paul Badura-Skoda e Daniel Barenboim, além de Helena Sá e Costa. Com a nossa pianista, Fischer estabeleceu uma profunda relação de amizade e cumplicidade artística que ficaria para toda a vida. Além das aulas e cursos que Helena frequentou (mesmo já como profissional, em Lucerna, 1947) com este mestre, também foram companheiros de concertos a nível internacional, nomeadamente nas importantes apresentações em digressão dos concertos para 2, 3 e 4 cravos de Bach.

7. Paul Grümmer, Helena Sá e Costa, Richard Matuschka von Eisenstein, Dorothea Mendelssohn Bartholdy, Ursula Köpke, Madalena Sá e Costa, Sebastian Mendelssohn Bartholdy, Hohenbröcke e Josef Michel, Sylvia Grümmer e Frau Michel - grupo de alunos do curso do Prof. Paul Grümmer. Palácio de Mármore, 1936.
8. Postal de Edwin Fischer para Helena, 1938.

► 8

Chère Mademoiselle Hélène da Costa,
 mille remerciements pour votre
 aimable lettre. Je ne vois aucune inconvénience
 quand vous prenez des engagements de Mr. Jari
 surtout de jouer avec Mr. Schuricht est un
 grand plaisir. Nos concerts seront: à Bruxelles
 Paris et Cologne de 8. Mai jusqu'au 19^{me}
 Je vous écrirai plus tard, quelles concerts et
 parties sont les vôtres; mais je ne permets

de vous annoncer.

Mes compliments pour vos parents
 Madame et Monsieur da Costa, salutations pour
 Mademoiselle votre sœur, et pour vous tant
 de choses, entre autres un cahier de 2^e main
 avec une jolie photo de vous, et des admirables
 de moi.

Sincèrement
 Edwin Fischer.

A descoberta e admiração de Helena por Edwin Fischer fica expressa numa das cartas que envia aos pais logo no mês de junho de 1936.

«A casa de Fischer fica perto de Breitenbrachplatz e Heidelbergplatz. Está numa linda rua, só com casas dentro de jardins – e a casa está muito bonita.

Enquanto eu esperava na sala pegada que acabasse uma lição, o mestre trouxe-me um livro para me entregar: era, nem mais nem menos: “A Suíça vista por Goëthe”, com lindas gravuras. (...) Ontem [no curso de Fischer] o Hoffmann tocou o concerto de Bach (tré m) e um bocado da Kreisleriana, que lhe está lindamente. O Prof. acompanhou-o no andante e pediu ao aluno que quisesse para acompanhar o resto. (Foi a americana). Gostei que fosse o próprio Fischer que me acompanhasse todo o Schumann. Antes do Professor entrar, estive a tocar um bocado do Schumann com um inglês, quando já estava todo o curso reunido».

[Carta de Helena Sá e Costa aos pais (fragmento). Berlim, 19/06/1936]

Em certas ocasiões durante os cursos de verão no Palácio de Mármore, as duas irmãs tocaram juntas. O dia de uma dessas oportunidades ficou registado na fotografia que tiraram num dos pátios do palácio.

9

Já me sentir pieig, descendente
 do compositor.
 A casa de Fischer fica perto de
 Breitenbrachplatz e Heidelbergplatz. Está
 numa linda rua, só com casas dentro
 de jardins – e a casa está muito bonita.
 Enquanto eu esperava na sala
 pegada que acabasse uma lição, o mestre
 trouxe-me um livro para me entregar:
 era nem mais nem menos: “A Suíça
 vista por Goethe”, com lindas gravuras.
 Ontem quando eu ia para o curso
 encontrei no condão uma amiga e o
 Hoffmann, e fomos juntos até ao palácio.
 O Hoffmann tocou o concerto de Bach (tré m) e
 um bocado de Kreisleriana, que lhe está
 lindamente. O Prof. acompanhou-o no
 andante e pediu ao aluno que quisesse
 para acompanhar o resto. (Foi a ameri-
 cana). Gostei que fosse o próprio Fischer
 que me acompanhasse todo o Schumann.
 Antes do Prof. entrar, estive a tocar
 um bocado do Schumann com um
 inglês, quando já estava todo o curso
 reunido.
 Já tenho umas cartas-tickets para os
 eléctricos em Potsdam, que
 ficam mais baratos, e
 claro.



9. Carta de Helena aos pais. Berlim, 19 de junho de 1936.

10. Madalena e Helena Sá e Costa. Foto tirada por Frau Michel no dia em que tocaram juntas no curso de Edwin Fischer, em 2 de julho de 1936.

Durante essa estadia em Berlim, em 1936, Helena escreve com frequência aos pais sobre todo o ambiente cultural e artístico da cidade, que fascinou as duas irmãs. As sessões das «masterclasses» com Fischer, em Potsdam, são uma revelação, com a participação de vários alunos e momentos de convívio entre mestres e discípulos nas refeições. Disposta a aproveitar as oportunidades que se lhe oferecem, Helena assiste também por vezes a sessões das «masterclasses» do famoso pianista alemão Wilhelm Kempff [1895-1991], de que gosta muito. Algumas das reflexões de Helena,



11. Grupo de alunos do curso do Professor Paul Grümmer junto ao Heiliger See, o lago junto ao qual está o Palácio de Mármore: Sebastian Mendelssohn Bartholdy, Helena Sá e Costa, Ursula Köpke, Dorothea Mendelssohn Bartholdy, Madalena Sá e Costa, Prof. Paul Grümmer, Sylvia Grümmer, Richard Matuschka von Eisenstein. Potsdam, 27 de junho de 1936.

agora com 23 anos, centram-se no piano e nas questões técnicas e musicais que marcariam toda a sua carreira posterior.

«Ainda não falei do curso Kempff: entusiasmei-me! Não vejo essa diferença que os meus colegas me anunciavam entre os dois cursos [refere-se ao curso de Fischer]. O Kempff fez uma grande preleção falando do gosto do público actual – que se está voltando ao bom-gosto. Agora não é, como com Rubinstein e Carreño, a força que subjuga (apesar de que ouviu a Carreño tocar esplendidamente a sonata Op. 31, n.º 3), mas sim a finura. Já não são as Ruínas d’Atenas e a Marcha Militar que reinam. Dá-se agora uma outra interpretação mais acertada a Chopin. Como um aluno tocasse a entrada do Scherzo da sonata em Si b m de Chopin com muita bravura e o mestre lhe objectasse que devia tocá-la piano e misteriosa e o aluno respondesse que Rubinstein a tocava com grande intensidade, fez então essa observação. Perguntou se dentro da nota a toca e como. Tivemos então ensejo de ouvir o Kempff tocar a dita sonata. Esplêndido! A romena tocou a Fantasia Cromática (ele gostou muito da Fuga) e outro rapaz a sonata Aurora. Nem ele nem o Fischer detalham certos pontos pelos quais muito nos interessáramos, como pedal, oitavas, ataque, etc. Falam mais sobre a linha geral da obra e detalhe aqui, detalhe acolá».

[Carta de Helena Sá e Costa para os pais (fragmento). Berlim, 16, 17 e 18.07.1936]



12. Helena Sá e Costa, Inês Vianna da Motta, Wilhelm Kempff e Dilma Blanco. Foto tirada por Madalena em casa do grande pianista Kempff, 18 de julho de 1936.

Na mesma carta, Helena refere-se ainda ao trabalho que fazia com Conrad Hansen, outro professor de piano que também colaborava com Edwin Fischer nos cursos do Palácio de Mármore. Ao lado da descrição Helena não se coíbe de exprimir opiniões e visões pessoais sobre todo o processo de amadurecimento técnico e artístico pelo qual está a passar.

«Dia 17 – O mesmo não acontece com Mestre Hansen de quem tive hoje lição de 2 horas. Comecei ao meio dia e quando a criada veio anunciar que eram duas horas fiquei admirada de ter tocado tanto, e tão depressa ter passado o tempo. Como hei-de agradecer as esplêndidas sugestões que os paizinhos me têm mandado? Adivinham sempre o que me dá prazer! Sem a insistência para eu tocar o Diabelli, eu nunca o teria feito – e o que eu perdia! O mesmo acontece com o Prof. Hansen, de quem devo aproveitar muito. Diz ele que sou "genug begabt" [suficientemente talentosa] para apanhar o que me diz – e que uma vez que o apanhe, nunca mais o perderei na vida, fica para sempre. Ai, mas é tão difícil!!!... Não será com facilidades que posso conseguir-lo, mas compreendo realmente que tudo o que ele diz a respeito de técnica, sonoridade, estilo, me é tão útil. Ele próprio passa a lição a dizer – *das ist sehr schwer!* [isto é muito difícil], e quando ele próprio toca, repete sempre: *sehr schwer, sehr schwer* [muito difícil, muito difícil]. Não me parece nada desvantagem o que o Fischer me tinha anunciado nele, que quase se preocupa demasiado com problemas técnicos. Isto faria supor que ele despreza a parte musical, mas justamente pelo contrário, se ele tanto insiste neles, é porque está convencido de que a música depende justamente da solução desses problemas.

É encantadora a maneira como alia o interesse técnico ao amor pela música, que nele é comunicativo – exuberante. O Fischer diz muitas vezes que se deve olhar para a maneira como ele próprio toca e que depois cada um deve procurar os seus meios. Este não deixa isso aos cuidados dos alunos, porque, é claro, como alunos que somos, bem precisamos de que o Mestre nos mostre claramente o caminho – e mesmo assim é tão difícil!!».

13. Carta de Helena aos pais. Berlim, 16 de julho de 1936.

[Carta de Helena Sá e Costa para os pais (fragmento). Berlim, 16, 17 e 18.07.1936]

► 13

Berlim, 16.7.36 (e 17)

Muito querido Pai

Acabamos aqui de escrever ~~para~~ a Fischer com os resumos que a ~~ela~~ e a mãe também a viram. ~~Acabamos~~ bem escrever. Ele, visto a Goethe dizer que também ele escreve.

Ainda me falei de curso Schuff: entusiasmo - me! Mas vejo uma diferença que os meus colegas me anunciaram entre os dois cursos.

O Schuff é uma grande preleção, falando do público do público actual, que se está voltando ao bom-gosto. Agora não é, com os Rubins e Carrens a força que subjuro (a pesar de que viri a Carrens tocar esplêndidamente a sonata op. 31. n.º 3), mas sim a fimura. Foi nestas coisas que Rubins e Carrens e a minha mãe têm feito xixam. O que se para uma outra interpretação mais acentuada a Chopin. Com um aluno tocasse a entrada do Scherzo da sonata em si b. de Chopin com os braços e o nariz de objectos que

devia tocar. Ela piano e misteriosa e o aluno responder que Rubins tem a tocar com ~~que~~ intencionalidade, fez estas suas observações. Por fim, no dia da morte e toca e come. Tivemos então o desejo de ouvir o Schuff tocar a dita sonata. Esplêndido! A semana tocar a Fant. cromática (ele falou muito de Fuga) e outra refeição e sonata Annera. Veni ele ver o Fischer (também muito

mas pelo menos um dos outros dois

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

em geral, mas a F. e a P. e a A.

E, na mesma carta, regressa à descrição dos ensinamentos de Fischer.

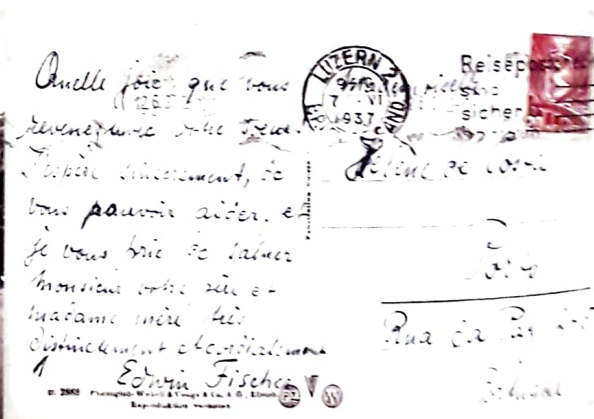
«Hoje toquei todo o Krönungskonzert [Concerto n.º 26, K.V. 537, de Mozart, denominado «Coroação»]. Deixou-me tocar toda a 1.ª parte e depois começou a analisar compasso por compasso, digamos. Diz que, contra o que vulgarmente se imagina, Mozart está mais próximo de Liszt do que Beethoven... Diz, é claro, que cada autor tem o seu estilo e a sua técnica, mas que a minha preocupação no Mozart é tão grande, por vezes, que não toco certas passagens como na realidade posso tocar e que posso adaptar aqui certas passagens que faço "wunderbar" [maravilhosamente] no Saint-Saëns – quanto a leveza e todas "num só arco".

Ficou muito admirado pelo Cortot não me fazer estudar os exercícios dele; acha que ele faz coisas de sonoridade como ninguém (aqui há uma loucura pelo Cortot; o Fischer citou-o nos cursos). Diz que no Mozart o mais difícil não é a cantilena, mas sim fazer cantar as passagens de maneira a nunca dar a impressão de se "tocar piano": nunca mecânico, mas sempre música e canto – muito arco e... muita opera. Citou a recomendação de Busoni: o corpo deve acompanhar as mãos».

Regressadas ao Porto, as duas irmãs partilham com a família e o seu círculo social toda a experiência de Potsdam e da Alemanha. A importância desta estadia é valorizada por todos os conhecimentos adquiridos e, certamente, iniciam-se os planos para ser repetida no ano seguinte. Claro que a família tem que se preparar para fazer face às questões práticas e financeiras, mas no final da Primavera do ano seguinte Helena escreve ao professor Edwin Fischer dando-lhe a notícia do regresso das irmãs à Alemanha.

Em junho de 1937, Edwin Fischer responde à notícia de Helena com um postal manifestando a sua alegria por saber que as duas irmãs regressam aos cursos de Verão em Potsdam. De facto, a família encontrara condições para que Helena e Madalena pudessem usufruir dessas oportunidades de grande importância para a maturação artística e para o aprofundamento de conhecimentos e relações com o cosmopolita mundo da música alemão da década de 1930.

► 14



Nesse ano de 1937, Helena e Madalena viajaram para a Alemanha de avião. Tratava-se de uma nova experiência de que Helena, poucos dias depois da chegada, em Stuttgart, faz um fantástico retrato escrito aos seus pais.

14. Postal de Edwin Fischer para Helena 1937

«(...) Antes do concerto na Kursaal [em Stuttgart], que começou às 8h, estivemos a gozar o belo ar e a lindíssima verdura do parque das curas e tivemos a surpresa de ver passar o Zeppelin. Quando agora vemos um trimotor admiramo-nos de já nele termos voado. Vale a pena fazer a viagem só para gozar os Alpes de cima. De lá gozámos o pôr do sol e também, devido ao atraso com que saímos, experimentamos a viagem nocturna, o que não acontece vulgarmente nesta carreira. É muito bom ter de quando em quando destas sensações fortes, destas revelações que fazem com que a imaginação abra as asas e saia do vulgar quoti-

diano; diz a Madalena – com razão – que isto dá óptimo assunto para meditações. O estado mais apropriado nesta viagem é o de êxtase. Só é pena que se perca muitas partes do percurso por ser necessário ou prudente fechar os olhos. O mais engraçado é que só nós duas enjoamos, é certo que a senhora tinha tomado remédio antes da partida e alguns cavalheiros já tinham prática, como um que fazia a sua 40.ª viagem. O hábito faz muito – e assim é que embora sobre os Alpes o avião oscilasse por vezes, demo-nos admiravelmente e levantamo-nos umas vezes para melhor gozar as paisagens. Voar sobre a planície não me deu sensação nova; era o que esperava, talvez por conhecer fotos de cinema (?) e nunca deu a impressão de muita velocidade, mas a parte sobre os Alpes não é comparável a nada do que eu conheça – indescritível».

[Carta de Helena Sá e Costa para os pais. Berlim, 1937]

Neste regresso à Alemanha, Helena e Madalena reencontram professores e colegas e participam em vários concertos públicos. Foi o caso do concerto de Helena com a orquestra dirigida por Clemens Krauss, em 10 de junho de 1937, de que existe uma fotografia durante os ensaios. Nesse ano as duas irmãs permaneceram na Alemanha durante os meses de junho e julho.



15. Aeródromo de Sintra, julho de 1937.

16. Ensaio de Clemens Krauss com Helena Sá e Costa. Berlim, 1937.



16 ◀

A relação de Helena com o Professor Edwin Fischer é muito boa. Do alto da sua autoridade ele manifesta-lhe sempre apreço e admiração pelo seu trabalho, não deixando nunca de lhe exigir a mais alta qualidade performativa. Destaca-a, todavia, entre outros colegas. A própria Helena é exigente consigo própria e procura sempre melhorar as suas capacidades e conhecimentos.

«(...) ontem soube que tenho de tocar os Davidsbündler no concerto do curso, de hoje a oito (dia 23). Já há dias que se falava no concerto mas o F. não me dissera. Ontem, porém, antes de começar o curso, o Vasarely disse-me que o F. lhe disse que eu tocava Debussy e Ravel, com o que eu caí das nuvens. Porque nunca o Prof. me ouvira o Clair de Lune, embora eu no princípio dos cursos o tivesse posto na lista das minhas peças, visto o Professor declarar que queria se tocasse música moderna. Ontem então a meio do dia o F. começou a distribuir o programa para o concerto e disse que eu tocava Deb[ussy] e Ravel e mandou-me tocar Clair de Lune. No fim disse que soava bem, que só era preciso mudar mais o pedal nos últimos compassos e fez-me então tocar a Kreisleriana que eu tinha preparado para ontem. No fim de cada trecho fazia as suas observações, exigindo mais fantasia e insistindo sempre na sonoridade – “schwärnen” [saltitando] “entre chien et loup”. Acabada a Kreisleriana, toquei os Davidsbündler e, repetidos com interrupções e observações alguns números, disse o Professor: *fein, fein – Sie werden das Freitag Spielen; – es wird noch*



schöner wie die andere [Muito bem, muito bem – Tocará isto na sexta-feira; – está ainda mais bonito do que as outras]. (É claro que lá por estar menos pior não quer dizer que esteja nem razoável). É realmente uma peça de que muito gosto. (...).

[Carta de Helena Sá e Costa para os pais. Berlim, 16, 17 e 18.07.1937]

17. Helena de Sá e Edwin Fischer no pátio do Palácio de Mármore. Potsdam, 15 de junho de 1937.

18. Helena e Edwin Fischer na esplanada do restaurante/casa de chá MIEIREI. Potsdam, 15 de junho de 1937.

Existia, naquela época, uma grande cumplicidade entre os professores e os alunos dos cursos do Palácio de Mármore. Essa será, certamente, uma das explicações para o jantar/festa que Edwin Fischer deu em sua casa, reunindo todos os participantes – docentes e estudantes –, que encantou todos e que Helena descreveu com a curiosidade e vivacidade dos seus 24 anos.

«O *abendbrot* [jantar] em casa do Fischer (todo o curso – 36 pessoas) foi um verdadeiro *genuss* [prazer]. O jantar era composto de macarrão com salsichas e muitos pratos frios (mayonese, sandwiches, salada de frutas, etc.). Os pratos dos frios faziam um lindo efeito: meias sandwiches cobertas de productos exóticos de cores vivas, o que dava um colorido lindo. Tudo isto estava numa mesa da sala pegada ao salão e depois de cada qual aí se munir, levava o seu prato para onde queria: fizeram-se quatro grupos: um ficou nessa sala, outro numa mesa no Hall, outro na Biblioteca, no andar de cima, e nós escolhemos uma mesa no 1.º patamar ficando na companhia de Zupfinger, Húngara, Chicago, Califórnia, Fr. Mayer, Schröder e depois ainda apareceu uma norueguesa e a polaca – tantas nacionalidades! O Fischer vinha servir de vez em quando e chamava à nossa mesa “*Sudlandische*”; realmente estávamos todos animados e encantados com a sumptuosidade da casa completamente iluminada, das lindas coisas que ela contém e de todo aquele conforto.

Depois fomos para outra sala do andar de cima ouvir discos novos do Fischer. Apesar de proibir que se falasse em música – sempre se ouviu música – felizmente: a-moll Fantasia de Bach e, com orquestra: concertos em do m e ré de Mozart. Aí estivemos todos o mais *gemütlich* [aconchegados] possível, quasi todos sentados pelo chão e eu a convite do Dr. Schünemann sentada numa cadeira a meias com ele, ouvindo os discos e vendo o Fischer, que em todas as passagens belas fazia os seus gestos de agrado e nas difíceis punha as mãos na cabeça... Quando pôs o disco do Concerto em Ré declarou: *Ja, ja, – Pianisten werden sich freuen es sind ein faar Feller drin...* [Sim, sim, – os pianistas ficarão felizes por haver alguns companheiros nele...].

Vimos então para o salão onde o Fischer tocou com o pianista Hans Borck uma cantata de Bach (da partitura) para mostrar essa obra bela e pouco conhecida; depois, com o Dr. Schünemann em flauta tocou uma sonata de Bach, tendo o Dr. tocado outras com a Vasary. Seguiu-se então a parte *lustig* [alegre]: Schünemann e várias discípulas tocando Jazz no piano, improvisando o Fischer algumas valsas, quando algumas raparigas começaram a dançar umas com as outras e o Schröder dançou duas valsas, uma com cada uma de nós e o mesmo fez o Dr. Schünemann, uma vez com a húngara e outra com a Madalena. Era o par mais interessante que se tem visto!!! A nossa “*süsses*” menina – como cá lhe chamam – no seu elegante *abendkleid* [vestido de noite] dançando de rodopio com o Herr Direktor, Professor Doktor, um andamento vertiginoso – e ele todo *stolz* da partenaire!! E com mais uns pratos de belos doces gelados se acabou esta noite memorável. (...)».

Os participantes dos cursos de Verão no Palácio de Mármore em Potsdam frequentam por vezes a esplanada do restaurante Mierei, nas margens do Jüngerfersee, em Potsdam.

As relações com a comunidade e a diplomacia portuguesas em Berlim ofereceram às duas irmãs interessantes oportunidades artísticas que ambas souberam aproveitar da melhor forma. Por um lado, as atuações (e gravação) na rádio e, por outro lado, a participação numa sessão cultural, tal como percebemos pelas suas cartas:

(...) Ontem fomos à Rádio para falar com o Harm. (...) acompanhou-nos então até junto do Jeutsch, que disse ter passado o inverno à espera da nossa carta e pediu de novo para a Madalena tocar a A dur Sonata, com muita insistência, pois tem “*die beste Erinnerung*” [a melhor das lembranças] da sua execução. Mas como a Madalena disse que agora só podia tocar pequenas peças, aceitou, dizendo que “*anderes wird auch schön sein*” [De outra forma também ficará bonito]. Ainda não sabemos ao certo o programa, mas já ficou combinado eu tocar a Sonata de Mozart. O programa dura meia-hora, mas... o mais engraçado é que só depois da nossa partida (creio mesmo que em Setembro) é que é transmitido, o que nós vamos fazer é uma “*Wachtaufnahme*”, isto é, um disco de cera (meia hora de duração e com o cachet como se fosse transmissão directa). Tendo-nos dito que será previamente marcada a data da emissão, por isso se pode anunciar nos jornais portugueses na devida altura e até talvez anunciem de cá ao microfone nas vésperas. Até Setembro está tudo preenchido. Quando lá estávamos à espera, passou por nós um rapaz que vendo a bandeira se nos dirigiu, pois também é português, está cá há 7 anos – José Fernandes – e é cá “*speaker*”, tendo agora inaugurado as emissões dedicadas à Emissora – 3 vezes por semana – e convidou-nos a tocarmos lá, pedindo para comunicarmos o mesmo à Leonor e no caso dela estar disposta, cada uma de nós 3 se fará ouvir durante 10 minutos na 1.ª semana de julho na mesma sessão. Como preferem coisas portuguesas lembrei-me dos Campanários e do Poema do Cláudio (talvez haja tempo para mais); estará bem??? Não sei se souberam que na estação a Catarina me perguntou se podia ousar dizer-me que, tendo eu ocasião de tocar aqui uma peça do Cláudio (eu disse então que já a trazia na mala), mas, claro, não sabia se haveria ensejo).

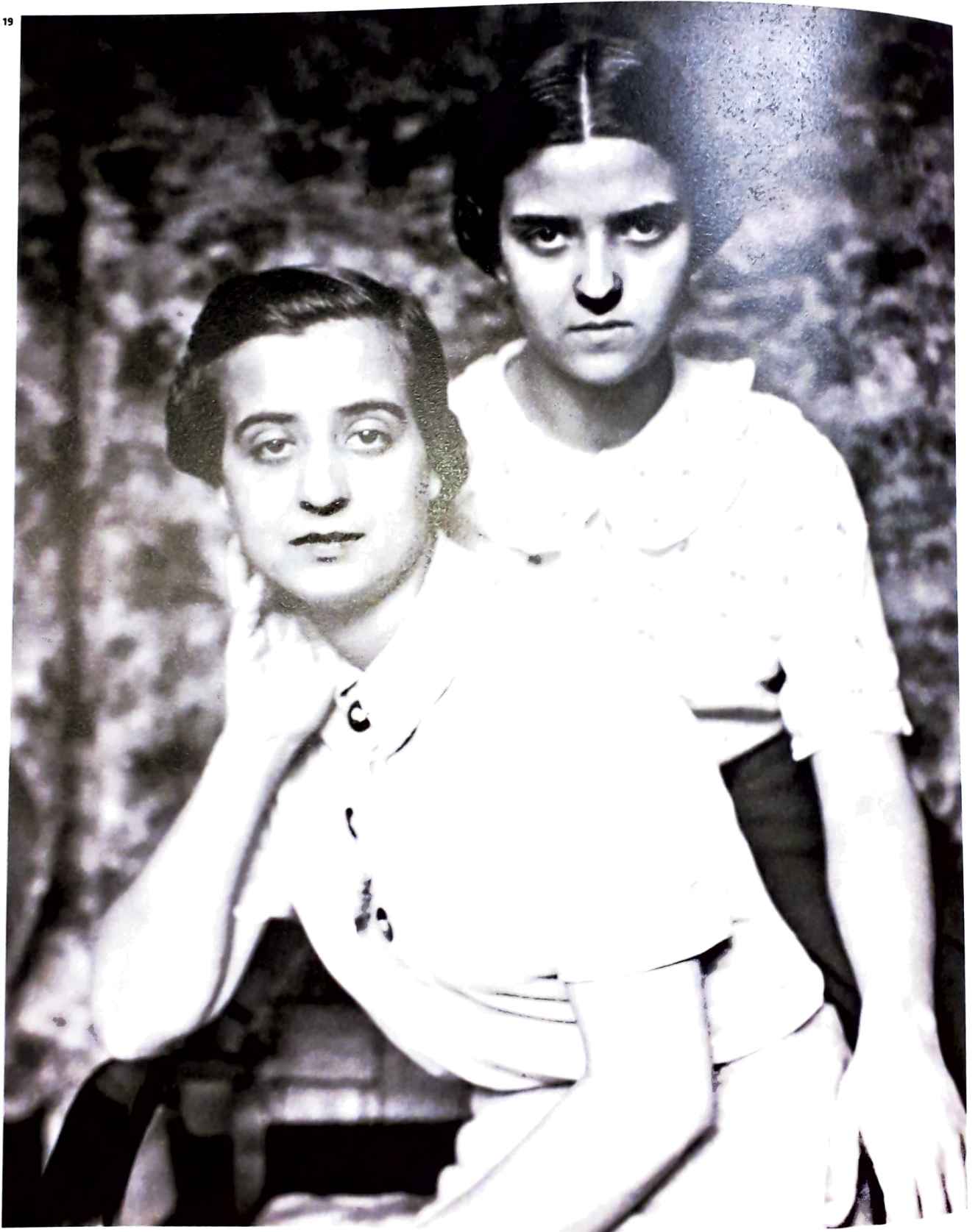
(...)

De manhã telefonou-me Madame Caldeira Cabral prevenindo que a Leonor [Vianna da Motta] chega amanhã e para o acompanhamento é para dia 24 às 8 h, na Biblioteca, sessão vicentina, em que o Fernando Moreira faz uma palestra. Este telefonou-nos hoje (...) diz que a essa sessão assistirão o ministro e mais umas 50 ou 60 pessoas. A Olga também cá está (a mulher dele). É uma sala pequena onde há um piano de cauda (foi bom ter cá o vestido Lamé)».

[Carta de Helena Sá e Costa para os pais, julho de 1937]

Nesse ano, após os cursos, as duas irmãs aproveitam para viajar um pouco pela Alemanha e visitam, entre outras cidades, Hamburgo, onde tiram retratos.

No ano seguinte, 1938, as duas irmãs chegam à Alemanha em abril para que Helena se prepare para a digressão de concertos pela Alemanha, França e Bélgica com Edwin Fischer, tocando Bach. A digressão inicia-se em maio (8, 9 e 11 em Bruxelas; 12, 14 e 16 em Paris; 17, 18 e 19 em Colónia) e acaba por ser um sucesso.





19. Helena e a sua irmã Madalena em Hamburgo, julho de 1937.

20. Madalena, Alfred von Eisenstein, Prof. Grummer e Helena Sá e Costa. Berlim, 1 de junho de 1938.

21. Helena e Madalena de partida para a digressão de Helena com Edwin Fischer pela Alemanha, França e Bélgica. Estação do Jardim Zoológico. Berlim, maio 1938 [Foto tirada por Frau Zuppinger].

22. Edwin Fischer, Lina Gerlitz e Helena Sá e Costa. Bruxelas, 9 de maio de 1938.

Em maio, à partida de Berlim para Bruxelas tiram uma fotografia na estação do Jardim Zoológico.



Apesar de já ser vista como uma pianista profissional, Helena continua ainda a ser orientada e aconselhada por Edwin Fischer, como testemunha uma lista manuscrita de peças para piano destinadas à nossa fotobiografia.

► 23

FESTIVAL



J. - S. BACH

MAISON GAVEAU

J.-S. BACH

AUDITION INTÉGRALE DES 12 CONCERTOS

EDWIN FISCHER

HELENA DE COSTA FERRY GEBHARDT KARL AUGUST SCHIRMER

CARL FREUND VITTON D'HERNO

FRIEDRICH KRUCKEL PAUL LUTHER

ORCHESTRE DE CHAMBRE

PROGRAMME

Concerto pour piano n.º 1 en sol majeur
Concerto pour piano n.º 2 en ré mineur
Concerto pour piano n.º 3 en ré mineur
Edwin Fischer - Maître de Choeur
Concerto pour piano n.º 4 en sol mineur
Ferry Gebhardt - Karl August Schirmer
Concerto pour piano n.º 5 en sol mineur
Concerto pour piano n.º 6 en ré mineur
Concerto pour piano n.º 7 en sol mineur
Concerto pour piano n.º 8 en ré mineur
Concerto pour piano n.º 9 en sol mineur
Concerto pour piano n.º 10 en ré mineur
Concerto pour piano n.º 11 en sol mineur
Concerto pour piano n.º 12 en ré mineur

SALLE METEL, VENDREDI 27 MAI à 21 heures
UNIQUE RÉCITAL
ARTHUR RUBINSTEIN

► 24

LA MAISON D'ART « A. S. B. L. » 105, AVENUE LOUISE, 105, BRUXELLES

FESTIVAL BACH

SALLE DU CONSERVATOIRE ROYAL - LES 9, 11 ET 13 MAI 1938, À 20 HEURES 45
LES 12 CONCERTOS POUR 1, 2, 3 et 4 PIANOS

EDWIN FISCHER et son Orchestre de Chambre

AVEC LE CONCOURS DE

Ferry GEBHARDT	Helena da COSTA	K. A. SCHIRMER
----------------	-----------------	----------------

PIANOS STEINWAY et BECHSTEIN de la Maison Heiler
PRIX DES PLACES - DE 10 A 50 FRANCS
ABONNEMENTS AUX TROIS CONCERTS - DE 25 A 120 FR.

LOCATION A LA MAISON D'ART, 105, AVENUE LOUISE (TÉLÉPHONE 48911) ET A LA MAISON GEORGES VIANON, 21, RUE DE LA RÉGENCE (TÉLÉPHONE 72012) A BRUXELLES

25 ◀



LA MAISON D'ART
A. S. B. L.
105, AVENUE LOUISE
105, BRUXELLES

FESTIVAL BACH
Douze Concertos

EDWIN FISCHER

et son Orchestre de Chambre
avec le concours de
Ferry GEBHARDT
Helena da COSTA
Karl August SCHIRMER
pianistes

14-15 MAI 1938

Salle du Conservatoire Royal

► 26



23. Programa de sala da série de concertos dedicados à obra concertante de Bach na Salle Gaveau, em Paris. A orquestra era dirigida por Edwin Fischer, que também tocava piano e dirigia os restantes solistas. Maio de 1938.
24. e 25. Cartazes do Festival Bach, uma série de concertos dedicados à obra concertante de Bach no Conservatoire Royal de Bruxelas. Maio de 1938.
26. Edwin Fischer com Helena Sá e Costa durante a digressão de concertos com as obras concertantes de Bach para cravo. Colónia, maio de 1938.

